

MULHERES NO ESPAÇO POLÍTICO – DESLOCAMENTOS DOS SABERES HEGEMÔNICOS

BRUNA VITÓRIA TEJADA¹
LUCIANA IOST VINHAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – brunaatejada@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lucianavinhas@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No que concerne às relações de gênero, os séculos XX e XXI caracterizaram-se particularmente pela reivindicação das mulheres por uma sociedade mais igualitária. Apesar de seus significativos avanços, a ideologia dominante que rege as relações de gênero tem por base o sistema patriarcal, que permite aos homens a dominação e às mulheres a subjugação, restringindo ainda seus espaços de circulação. Pretende-se, neste trabalho, discutir os sentidos advindos do movimento de inserção das mulheres no espaço político. Em um meio majoritariamente masculino, elas reivindicam espaço e voz e, por esse motivo, frequentemente são vítimas de diversas ofensas. Perante esse cenário, propomo-nos a pensar sobre quais são os efeitos discursivos instaurados por movimentos de resistência à dominação hegemônica.

Diante dessa proposta, com base no dispositivo teórico da Análise de Discurso pêcheuxiana, promovemos um gesto de interpretação de uma imagem da então deputada estadual pelo Rio Grande do Sul, Manuela D'Ávila, em que amamenta sua filha de quatro meses na Assembleia do Estado. É necessário, estabelecermos as condições de produção sócio-históricas das relações entre gênero e espaço político, atentando para a dimensão significativa do corpo, visto que há, na imagem, a inserção de dois corpos estranhos à ideologia que impera na política. Na perspectiva discursiva, o corpo é significado a partir de sua relação com a linguagem, história e ideologia. Adotamos, para o desenvolvimento deste trabalho, a concepção de corpo como “materialidade discursiva que se constrói pelo discurso”, conforme proposta por (FERREIRA, p. 95, 2011).

2. METODOLOGIA

Na análise do *corpus*, mobilizamos conceitos fundamentais para a AD, como os conceitos de discurso, formação discursiva e formação ideológica. A teoria de Pêcheux não dispõe de uma metodologia pré-estabelecida, passível de ser aplicada a todo tipo de *corpus*. O analista molda o dispositivo analítico, que tem de estar sensível e adaptado às diferentes materialidades significantes. Ao propor a análise de uma imagem, buscamos suporte teórico em QUEVEDO (2012), que vê na imagem funcionamento similar ao texto escrito submetendo-se aos “efeitos de evidência, de literalidade, de completude, de não contradição, dentre outros”. Na construção das análises, partimos do processo de decomposição das imagens em seções discursivas. O conceito de seção discursiva (SD) é estabelecido em referência à sequência discursiva, “visto que (i) não cabe a noção de linearidade de leitura implicada pelo termo “sequência”; e (ii) a discriminação de elementos constituintes da imagem é uma operação de recorte do analista, que secciona a imagem em partes que julga relevantes destacar” (QUEVEDO, 2012, p.140).

O *corpus* discursivo selecionado para análise não possui materialidade linguística: sua materialidade é imagética e constituída pela presença de dois

corpos. Em filiação à Análise de Discurso francesa, não podemos considerar o corpo sob o ponto de vista estritamente biológico. Para compreender o funcionamento do corpo discursivamente, buscamos suporte em FERREIRA (2011). Segundo a autora, “trabalhar o *corpo como estrutura discursiva* - entre o sujeito e a língua - vai considerar que o mesmo, como materialidade discursiva, encontra na *língua* a sua forma de simbolizar e, assim, falar do *sujeito*” (FERREIRA, 2011, p.99) [grifos da autora]. Assim como a língua, o corpo é investido de funcionamento ideológico; propomo-nos a pensar, então, os efeitos de sentido que a simples presença do corpo pode produzir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O *corpus* discursivo da pesquisa constituiu-se da seguinte imagem:

Fonte: Perfil de Manuela D’Ávila na plataforma Facebook, postagem realizada em julho de 2016.



As secções discursivas (SD) consideradas na análise são as seguintes:

(SD1) A mulher em um momento de fala utilizando microfone;

(SD2) O seio descoberto;

(SD3) A criança sendo amamentada pela mãe.

Na SD1, temos uma mulher que é uma parlamentar e está em uma sessão plenária. Além de estar no plenário, essa mulher está em momento de fala, ela reivindica voz e os membros da sessão, majoritariamente homens, precisam ouvi-la devido ao posto que a mulher está ocupando. Na formação imaginária dominante, a mulher não enuncia da posição de uma parlamentar, pois não está previsto na formação discursiva dominante esse desejo constituindo uma mulher. KEHL (2016, p. 11), ao abordar as inscrições do sujeito na ordem simbólica normalizada pelas relações de gênero binárias, nos diz que:

Somos desde o início e para sempre “homens” ou “mulheres” porque a cultura assim nos designou, e nossos pais assim nos acolheram a partir da mínima diferença inscrita em nosso corpo, com a qual teremos de nos haver para constituir, isto sim, o desejo, a posição a partir da qual desejamos, o objeto que haveremos de privilegiar e o discurso com o qual enunciaremos nossa presença no mundo.

Na SD2, há a exposição de parte de um seio. ERNST e BRUM (2017, p. 543), dizem que, nos processos discursivos referente à nudez dos seios, a:

Ambivalência semântica [dos seios nus] oscila entre dois polos: o erótico e o nutricional, considerados, na maioria das vezes, excludentes. Eles constituem uma curiosa dialética de pares complementares: puro/impuro, profano/sagrado, pecaminoso/santo, erótico/maternal etc. que, por interferência do imaginário, constroem não só os contornos físicos como os identitários do ser mulher.

O seio, no momento da fotografia, servia à função biológica de nutrir o bebê; no entanto, isso acontecia em uma Assembleia Legislativa e a mãe amamentando era a própria deputada que conduzia a sessão. Diante dessa situação, o imaginário falha e emerge o estranhamento. Na perspectiva discursiva, o estranhamento “possui como características a imprevisibilidade, a inadequação e o distanciamento daquilo que é esperado” (ERNST, 2009, p.4). É estabelecida uma disputa discursiva entre a rede parafrástica, em que os sentidos da política estão estabilizados em uma FD machista, e a rede polissêmica, em que os sentidos são deslocados para uma FD feminista, cujo pressuposto é a eliminação da discriminação de gênero.

Conforme ERNST e BRUM (2017, p. 545), na sociedade ocidental, a exposição dos seios é amplamente tolerada desde que “mediada” por um terceiro termo, o desejo de nutrição do bebê ou o desejo erótico do homem: “o que surge como potencialmente perigoso é a nudez da mulher relacionada a seu próprio desejo, ou seja, a dimensão transgressora”. Se a nudez da deputada estava mediada pelo desejo do bebê, por que a repercussão da imagem? Partimos da hipótese de que o gesto de amamentar “por si só” não motivou o estranhamento diante da imagem, mas sim o espaço em que ele ocorria e a forma como ocorria. Se a foto capturasse o momento da amamentação no gabinete da deputada, ou no banheiro, ou até mesmo na Assembleia, mas com a deputada na condição de ouvinte, os efeitos de sentido não seriam os mesmos. A captura da amamentação em um momento de voz da mulher na política simboliza a resistência, a subversão da mulher em relação à ideologia dominante, inserindo ainda uma criança naquele espaço, cuja presença não é prevista, uma vez que os cuidados dos filhos geralmente são endereçados às mães ou terceirizados, eximindo dessa responsabilidade os pais, que são as figuras que majoritariamente ocupam a política. INDURSKY (2003, p. 102) nos lembra que “um discurso não existe de forma isolada, ele estabelece relações com outros discursos, no interior de domínios de saber, as Formações Discursivas”. Em resposta à subversão da mulher, emerge um incômodo causado pelo movimento de desestabilização das redes de filiação.

Em acordo com a teoria de Pêcheux, partimos do pressuposto de que as relações de dominância estão sempre em disputa discursiva; é essa disputa de sentidos que permite a variância das relações de poder. Em nosso *corpus* de análise identificamos uma posição sujeito feminista que, apesar de agitar os saberes do campo político, não desestabiliza a formação discursiva hegemônica, configurando um acontecimento enunciativo.

4. CONCLUSÕES

A teoria de Pêcheux, em sua fundação, analisava majoritariamente o discurso poético; atualmente, os analistas de discurso pesquisam os mais diversos tipos de materiais, desde textos escritos a textos como a tatuagem, a pintura e até mesmo a voz. Calcada no materialismo histórico, a teoria propõem-se a analisar as relações de dominação e exploração entre as classes sociais. Pensar as relações de gênero a partir do processo de interpelação-identificação ideológica, relacionando às diferenças de classe, é um processo promissor. ZOPPI-FONTANA e FERRARI (2017, p. 8) dizem que esse cenário de problemática em torno das mulheres é fecundo para os estudiosos da linguagem:

Em termos teóricos, permite desenvolver indagações sobre o aparelho conceitual e os procedimentos analíticos organizados em torno à

questão dos processos de interpelação ideológica que constituem o sujeito do discurso, na sua relação com as práticas de dominação e resistência que (re)significam as reações sociais.

O processo de interpelação ideológica possui falhas, pois todo ritual é passível de falha; logo, o ritual de interpelação-identificação também o é, permitindo ao sujeito a resistência. A pesquisa vai ao encontro de PÊCHEUX (1997, p. 304) em sua defesa de que “não há dominação sem resistência”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

KEHL, M.R. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a pós- modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

Capítulo de livro

FERREIRA, M.C.L. O discurso do corpo. In: MITTMANN, S.; SANSEVERINO, A.M.V (Orgs.). **Trilhas de investigação: A pesquisa no I.L. em sua diversidade constitutiva**. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2011. Cap VII. p. 89-105

Artigo

CAZARIN, E. A; RASIA, G. S. As noções de acontecimento enunciativo e de acontecimento discursivo. **Letras**, Santa Maria, v. 24, n. 48, p. 193-210, 2014.

ERNST, A. G; BRUM, J. C. Corpo, imagem e sentido: uma leitura dos processos discursivos e discontinuidades nas redes sociais. **Calidoscópio**. Vol. 15, n. 3, p. 542-549, 2017.

HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. **Linguagem**, São Carlos, n. 3, p.1-19, 2008.

INDURSKY, F. Lula lá: estrutura e acontecimento. **Organon**, Porto Alegre: UFRGS, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. In: ORLANDI, E; GERALDI, J. W. **Caderno de estudos linguísticos**, n. 19, p. 7-24, 1990.

Tese/Dissertação/Monografia

QUEVEDO, M. Q. de. **Do gesto de reparar a(à) gestão dos sentidos: um exercício de análise da imagem com base na análise de discurso**. 2012. 253f. Dissertação. (Mestrado em Letras) Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas.

Resumo de Evento

ERNST-PEREIRA, A. A Falta, o Excesso e o Estranhamento na Constituição/ Interpretação do Corpus Discursivo. In: **SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO - SEAD**, IV., Porto Alegre, 2009. Anais do IV SEAD, Porto Aegre: UFRGS, 2009. p.1-6.